

O ensino *on-line* de regência: problemas e soluções em tempos de pandemia

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA ou SIMPÓSIO: Educação Musical

Fellipe Rafael Carnauba Teixeira

Espaço de Criação e Invenção Musical/ Universidade Federal da Bahia – fellipe.teixeira.sax@gmail.com

Katarine de Sousa Araújo

Universidade Federal de Goiás/ Universidade de Aveiro – katarine.araujo@ufg.br

Resumo. Enfrentamos um dos maiores dilemas de amplo espectro no ano de 2020: a epidemia do coronavírus. Com ele, tivemos que aprender a criar alternativas de ensino, não só para dar continuidade às aulas que aconteciam presencialmente, mas também para alcançar outros estudantes. No campo da música, graças às suas especificidades, tivemos problemas de adaptação ao universo *on-line* especialmente por conta de problemas técnicos, como a fidelidade sonora. O ensino da regência também foi afetado e professores de regência também tiveram que encontrar alternativas que substituíssem as aulas presenciais de maneira emergencial e depois efetiva. Este trabalho é um relato de experiência de dois professores de regência que estão atuando desde o início da pandemia em aulas *on-line*.

Palavras-chave. Regência, Aula *on-line*. Ensino.

Title. The on-line Conducting Teaching: Issues and Ways in Pandemic Times

Abstract. We have faced one of the biggest humanitarian issues in the 2020th: the coronavirus epidemic. With that, we had to learn how create news teaching alternatives to continue our classes and find new students. In the music path accordingly its specificities, we had many problems in the new *on-line* classes' universe. The conducting teaching was affected too and teachers had to find new ways to give their classes. This research is an experience report from two conducting teachers that are giving *on-line* classes since the pandemic begin.

Keywords. Conducting. on-line classes. Teaching.

1. Introdução

O ano de 2020 foi assolado por uma das maiores e mais inesperadas crises sanitárias do século: a epidemia do Coronavírus. Vários profissionais de diversas áreas de atuação tiveram seus trabalhos diretamente afetados por esta crise¹. Tão logo surgiram as famosas e cansativas expressões “novo normal” e “reinventar”², em alusão às buscas e tentativas de soluções que os trabalhadores tiveram que encontrar para continuar exercendo suas profissões. Com músicos e professores de música não foi diferente, lives em mídias sociais e aulas em plataformas digitais foram (e estão sendo) os meios recorridos para enfrentar a difícil situação. Aqueles que tinham familiaridades com os meios digitais, deram o pontapé, seguidos por aqueles que não tinham tanta intimidade. Em pouco tempo, todos tivemos que aprender a lidar com as plataformas digitais e empreender profissionalmente na *World Wide Web*.

Os professores de instrumentos musicais fazem parte desses grupos afetados com a crise. Desenvolver frentes eficientes para atender seus alunos e captar novos estudantes foi uma das principais metas ao longo do último ano. Diante de tudo isso, como foram desenvolvidas atividades de ensino de regência? Quais caminhos foram percorridos para empreender e ministrar aulas durante um severo confinamento social? Quais as dificuldades em ministrar aulas *on-line*, especialmente em uma disciplina que não dispomos do nosso próprio instrumento para estudar? Quanto ao currículo da disciplina regência, como podemos torná-lo mais abrangente e atualizado?

Encontrar uma plataforma para as aulas *on-line* foi um dos problemas enfrentados. Neste processo, fez parte a pesquisa e experimentação de veículos digitais como os programas *Zoom* e *Google meet*, tanto para aulas individuais quanto aulas coletivas, identificar as limitações de cada um e decidir o melhor custo-benefício. Ainda no rol dos problemas técnicos, um bom sinal de internet, a aquisição de computadores mais eficientes e periféricos como microfones, iluminação, câmeras e cenário foi outro ponto que teve que ser adaptado ao longo de tentativas e erros. Do ponto de vista do ensino, a adaptação não parou. Surgiram então os questionamentos “como podemos dar aula de regência sem tocar no aluno?”, “que mecanismos utilizar quando o sinal de internet deturpar a imagem e áudio das aulas?” “como vamos fazer ele entender, virtualmente, uma concepção de sonoridade?”. Sobre o currículo do curso, também é importante ressaltar as abordagens práticas e teóricas. As abordagens práticas permeiam o que já conhecemos tradicionalmente nas aulas de regência: postura, técnica gestual e repertório. Mas na parte teórica, além dos problemas musicais como harmonia, percepção, solfejo, instrumentação e análise, temos problemas extramusicais imprescindíveis numa sociedade moderna, como liderança, administração de grupos musicais e comportamento.

Diante desses pressupostos, o objetivo deste trabalho é trazer em forma de relato de experiência os processos que adotamos em meio à pandemia para ministrar aulas *on-line* de regência, assim como demonstrar os resultados obtidos através dessas ações. Enquanto professores de música, nós nos preocupamos em divulgar as ações que estamos tomando, compartilhando experiência e contribuindo para tornar o conhecimento acessível a todos e todas. Especialmente quando se trata de regência, existem alguns paradigmas que precisam ser derrubados sobre métodos de ensino e é extremamente necessário trazer um olhar mais atualizado e, acima de tudo, humanizado. Desta forma, este trabalho traz em seu corpo alternativas que foram viáveis diante de diferentes situações.

2. Fundamentação teórica

Os desafios enfrentados por professores durante o confinamento social e as novas modalidades de ensino revelaram uma nova face dos desafios da docência. Em música, as peculiaridades dos conteúdos ampliaram as necessidades de encontrar um ambiente ideal para ministração das aulas. Segundo Barros (2020), as especificidades do ensino emergencial de música tornam esta modalidade ainda mais desafiadora especialmente porque as plataformas virtuais que vêm sendo utilizadas não foram desenvolvidas para transmitir aulas de música, sendo comum problemas de “latência, fidelidade sonora e sincronização” (p.295). Importante ressaltar que a partir da segunda metade do ano de 2020, algumas plataformas como o *zoom* receberam uma atualização que permite uma melhor fidelidade sonora.

Essas singularidades são ainda mais acentuadas no ensino da Regência. Alguns famosos autores de importantes livros de regência, como Schuller, classificam a disciplina com uma das mais difíceis e complexas de serem estudadas. Nas palavras do autor:

A regência é certamente a mais exigente, musicalmente abrangente e complexa das várias disciplinas que constituem o campo da performance musical. Ainda assim, ironicamente, é considerado pela maioria das pessoas - incluindo, infelizmente, a maioria dos músicos de orquestra - como uma habilidade fácil de adquirir (músicos) ou o resultado de alguns dons mágicos, insondáveis e inexplicáveis dados por Deus (audiências). Na verdade, não é nenhum dos dois, as habilidades exigidas na regência nos mais altos níveis artísticos sendo tudo menos fáceis de adquirir (...) . (SCHULLER, 1997, p. 3, tradução nossa³)

Mesmo diante das constatações da dificuldade em estudar ou trabalhar com regência, por muitas vezes ela é vista como uma arte “mágica”. Ainda existe uma visão glamourizada do ofício do regente, o que revela certo desconhecimento do real significado de seu trabalho. Ainda de acordo Schuller (1997), complementando a citação anterior, o autor diz “Geralmente o mundo da música faz um tipo de mistério sobre a regência, como se fosse baseado em algum dom místico e divino, concedido por apenas alguns músicos “escolhidos” a cada geração. O fato é que os mais altos níveis de regência são alcançados por meio de trabalho árduo, estudo intensivo”⁴ (p. 12, tradução nossa).

O que os parágrafos anteriores demonstram é a necessidade de um estudo sério e dedicado da regência, que dentre outras coisas também envolve disciplinas auxiliares. Além dos estudos técnicos/ práticos, são igualmente importantes os estudos teóricos de disciplinas fundamentais para o entendimento da partitura e do ambiente de ensaio. McElheran destaca que:

Os iniciantes devem dedicar muito mais tempo a outros assuntos musicais do que à regência. Harmonia, treinamento de contraponto, leitura de partituras, análise, história

da música e literatura, orquestração, técnicas instrumentais e vocais são mais importantes do que a técnica de batuta.(1966, p. 7, tradução nossa).⁵

Essas disciplinas musicais auxiliarão o estudante de regência a compreender a estrutura da obra musical. Através desta compreensão, o regente pode, então, criar sua própria concepção sobre a obra que está estudando e, futuramente, regendo. Ainda sobre o tema, Gehrkens nos informa que:

O músico amador que ambiciona reger deve, portanto, estudar música em todas as suas fases (...) estudar harmonia, contraponto, forma e, se possível, composição e orquestração (...) treino auditivo (...) história da música (...). Como resultado de tal estudo e tal leitura, um tipo de erudição musical será alcançado que dará ao maestro uma autoridade em suas interpretações e críticas que não pode ser alcançada de outra forma.(19xx, p. 6 e 7, tradução nossa)⁶

Uma das disciplinas mais importantes para a compreensão musical, e que muitas vezes é posta de lado, é o estudo do solfejo e da percepção musical. Pois “o desenvolvimento de habilidades auditivas ligadas à percepção musical é essencial para o aprendizado e sucesso daqueles que escolhem a música como carreira.” (NASCIMENTO, 2020, p.25, *apud* CARLSEN, 1981; SIDNELL, 1973). Para o regente é ainda mais importante, pois ele está trabalhando com a manipulação de um conjunto sons externos, produzidos por um organismo vivo. No estudo do regente, o solfejo para a compreensão da obra deve ser muito presente, e ele deve ser capaz de através do estudo, conseguir ouvir aquele som que está escrito na partitura. “A prática do solfejo exige que o músico olhe para a partitura e consiga perceber a melodia “soando em seu cérebro” (NASCIMENTO, 2020 p.26 *apud* GORDON, 1999).

A partir da compreensão estrutural da obra, o regente também precisa ter a habilidade de compreender seu grupo musical e seus fenômenos sociais. Acima de qualquer coisa, a orquestra, banda ou coro é um organismo vivo, composto por pessoas que precisam ser motivadas a desempenharem o melhor de si, conforme nos diz McElheran (1966):

O requisito mais importante de um regente é a capacidade de inspirar os executantes. Isso pode ter outros nomes: liderança, poder hipnótico, entusiasmo contagiante ou apenas boa capacidade de ensino (...). Talvez seja melhor descrito em uma frase simples: FAZER OS INSTRUMENTISTAS QUEREREM FAZER O SEU MELHOR. (McELHERAN, 1966, p.3, tradução nossa)⁷

Diane Wittry, em seu livro *Beyond the baton*, afirma que, para se tornar maestro, “Além das habilidades musicais que devem ser aprendidas, você deve dominar o ingrediente essencial que faz a diferença entre um bom maestro e um grande maestro. Essa qualidade é liderança.” (WITTRY, 2007, p. 3, tradução nossa).⁸ Embora não seja uma habilidade explorada

nos currículos superiores de regência, aprender a liderar pessoas tem sido o tema de importantes discussões atuais. Em muitos casos, o(a) regente ocupa cargos de diretor(a) artístico(a) ou produtor(a) musical e isso tem feito com que o(a) mesmo(a) tenha que desenvolver essas habilidades extramusicais. Teixeira 2017, ressalta que em muitos cursos de regência formais a técnica é priorizada em detrimento de aspectos fundamentais como a liderança, o que é um erro, pois liderança e técnica devem acompanhar o trabalho juntas, na mesma medida. Segundo o autor, “um regente pode ter um gestual muito bonito mas se não tiver uma boa noção sobre seu papel enquanto líder terá bastante dificuldade na manutenção de seu trabalho”.

3. O ensino *on-line* de regência: relato de experiência

Adaptar as aulas presenciais para o ambiente virtual foi bem desafiador, visto que, não demandava mais só do professor e aluno, mas de uma série de elementos que extrapolam ao nosso controle. O processo de adaptação veio de ambos os lados, pois correções simples que eram feitas presencialmente através do contato físico, seja com o braço, mão ou mesmo corrigindo a postura, agora se tornam inviáveis. Caminhando neste sentido, vieram os problemas técnicos e a busca por soluções: equipamentos como computador, iluminação, microfone, câmera, sistema de som e cenário aos poucos foram sendo adquiridos e montados.

As aulas de instrumento são práticas, com a regência não é diferente. Na parte prática da regência, nós executamos uma ação e pedimos aos alunos que repitam para avaliarmos. Assim, problemas com internet, sua velocidade e estabilidade nunca foram tão preocupantes, pois precisamos de um bom sinal para enviar e receber informações.

3.1. Aulas individuais

As aulas individuais acontecem em ambiente virtual através da plataforma *Zoom*, com duração de 1 hora. Geralmente o público que procura esse tipo de acompanhamento são militares, regentes que trabalham em igrejas e projetos sociais que já fizeram outros cursos em grupo, que trabalham ou não com música, com idade que varia entre 20 e 60 anos e que não tiveram acesso à educação musical formal. O currículo do programa é dividido em duas partes: a primeira é montado a partir do índice do livro *The Grammar of Conducting: a practical study of modern baton technique*, do autor Max Rudolf, e dividido em módulos; a segunda é baseada em repertório sinfônico, com período de duração indeterminado. Ainda assim, não se trata de um currículo enrijecido, sendo completamente adaptável às necessidades de cada aluno.

Uma das principais preocupações no ensino individual de regência descrito neste trabalho são as lacunas musicais, especialmente de musicalização, que os alunos apresentam. Em sua maioria, aprenderam música em instituições informais, sem um acompanhamento especializado e semelhante a um discipulado: “eu te ensino como eu aprendi”. Somam-se os problemas na educação estrutural com a inobservância de se praticar constantemente percepção.

Como foi demonstrado na fundamentação teórica deste trabalho, é imprescindível que o regente tenha muito bem desenvolvida a habilidade de perceber as sonoridades no ensaio. Se o maestro não ouve os problemas de seu grupo, ele é incapaz de corrigir. Desde a primeira aula, sempre no início, dedicamos cerca de 10 a 20 minutos para estudo de intervalos e treinamento do ouvido relativo e prática de solfejo. Durante a semana também os alunos devem apresentar atividades diárias gravando seus solfejos e enviando via aplicativo de celular *whatsapp*.

Os exercícios consistem em cantar escalas maiores e menores, arpejar os graus, fazer estudos voltados apenas para o treinamento de intervalos específicos e utilizar material de apoio para solfejo. Os livros utilizados como apoio são “*Melodia: a comprehensive course in sight reading*”, de autoria de Samuel W. Coler e Leo R. Lewis, e “Solfejo”, de autoria de Bohumil Med.

Com relação à técnica gestual, chegam dois tipos de alunos: aqueles que já têm experiência com regência e aqueles que não têm experiência. Desses dois, a maior dificuldade está naqueles que já tem um conhecimento prévio, especialmente quando muito prático e com muitos vícios. Desconstruir um modelo técnico e reconstruir é mais complexo do que apenas construir algo do zero, pois precisa primeiro que o estudante renuncie ao que ele tem e enfrente algo novo. Nos dois casos, os exercícios são os mesmos, apresentados durante as aulas e repetidos. Espera-se também receber alguns vídeos dos estudos diários dos alunos para um acompanhamento mais próximo.

Como material de apoio, contamos com o livro *Regente sem Orquestra*, de autoria de Arthur Rinaldi, Beatriz de Luca, Daniel Nery e Luciano Vazzoler, que apresenta uma série de estudos para práticas de padrões gestuais. A indicação é que estudem sempre com o auxílio do metrônomo e que solfejem o exercício ao tempo que regem. Também indicamos que façam variações, adicionando os conteúdos trabalhados durante as aulas (andamento, dinâmica, articulação e subdivisão).

Também durante as aulas de regência, dedicamos alguns dias para revisão de conteúdos de teoria musical, como harmonia e forma. O objetivo é introduzir os alunos nesses

temas, mas sem necessariamente seguir uma rigidez metodológica. São introduzidos conteúdos de intervalos e os conceitos iniciais das funções harmônicas para que sejam capazes de identificar em suas partituras durante seus estudos. Colaborando com as funções harmônicas e fazendo uma ponte com percepção musical, também treinamos a identificação auditiva das funções (Tônica, Subdominante, Dominante) e o solfejo em diversas tonalidades.

O repertório é um diferencial no desenvolvimento das aulas de regência, pois apesar eu ter um repertório próprio para trabalhar a formação (sinfonias clássicas, aberturas de óperas e algumas obras para orquestra de cordas), também é importante levar em consideração para qual finalidade o aluno procura o curso. No caso daqueles advindos de igrejas evangélicas, é comum trabalharmos obras que compõem seu hinário desde o início das aulas. Já aproveitamos e estudamos harmonia e solfejo com os coros do hinário. Outras vezes os alunos já regem grupos em projetos sociais, então também trabalhamos seus próprios repertórios, identificando os possíveis problemas interpretativos (como a semiótica entre letra, melodia, harmonia, dinâmica, articulação e como podemos utilizar isso a nosso favor) e problemas técnicos que os instrumentistas podem enfrentar e como resolver rapidamente durante os ensaios.

O principal objetivo das aulas é esse: levar todo o conhecimento possível para a realidade do aluno, e não apenas criar um mundo de ilusões onde ele nunca vai saber onde e como empregar seu aprendizado. É mostrar como os elementos citados ao longo desse trabalho estão interligados para criar uma realidade mais coerente e transparente. O conhecimento precisa ter um objetivo, não basta ele por si só, mas precisa de ligações, práticas, experimentações. A experiência do aluno precisa ser valorizada na construção de uma aula, sua vivência precisa ser incorporada.

3.2. Das aulas em conjunto

Para chegarmos a uma plataforma que atendesse às demandas desse tipo de aula, houve uma tentativa de trabalhar com a plataforma *google meet*, mas a qualidade do áudio não atendia às necessidades dos alunos e professores, aderimos então ao *zoom* com serviço pago para proporcionar uma qualidade melhor aos alunos. As aulas são em formato de mentoria em grupo, com duração de 2 horas. Além de mentorias, os alunos têm acesso à professora para entrega de vídeos individuais sobre exercícios ou trechos musicais. Neste formato de curso e mentoria, os alunos dispõem de material gravado com exercícios técnicos dentro da plataforma da *hotmart* para o melhor aproveitamento do curso.

Foi necessário criar um nome para esse curso e estruturá-lo com elementos curriculares essenciais para a formação do(a) regente. O nome escolhido foi Escola de Regentes, já que o público-alvo do curso são regentes que já atuam, mas que não passaram pelo estudo formal de regência.

Quando pensamos no ensino coletivo de qualquer instrumento, pensamos na prática simultânea. Os alunos iniciam de um determinado nível e caminham juntos em repertório e exercícios técnicos. No caso do ensino *on-line*, não conseguimos emitir sons ao mesmo tempo por uma série de fatores, tais como limitações das plataformas em entrega, variações de sinais da internet e como relatamos, equipamentos tecnológicos. Embora as aulas de regência contemplem o mesmo repertório e exercícios técnicos para todos os alunos, utilizaremos a terminologia de aulas em conjunto por tratar-se de analisar cada aluno de maneira individualizada.

Nas aulas de regência no ambiente *on-line*, as variações de entrega e recebimento da imagem e som impedem que o aluno de regência possa ser acompanhado simultaneamente por um instrumentista que esteja respondendo à sua regência em uma chamada de vídeo, pois os outros alunos receberiam a resposta do som e imagem em tempos diferentes, sem saber exatamente se a regência foi ou não eficaz. Como poderíamos então avaliar a entrega da comunicação gestual dos alunos nas aulas de regência?

Para entendermos a comunicação gestual nas aulas em conjunto de regência, precisamos partir do pressuposto que o(a) regente precisa ter uma comunicação bastante eficaz, visto que, ele(a) não transmite sua mensagem a apenas uma pessoa e sim a um grupo. Nesse modelo de ensino-aprendizagem, é essencial que a comunicação seja validada não só pelo(a) professor(a), mas também pelos colegas de classe. Dessa forma, os alunos regem exercícios de dinâmicas, articulações, entre outros exercícios técnicos e os demais alunos conferem se aquela mensagem foi transmitida ou se, o gestual não está suficientemente claro. Como materiais de apoio principal, utilizamos os livros *O Regente sem Orquestra*, *Regência Coral* e *The score, the orchestra and the conductor*, de Gustav Meier. Outros livros são adicionados de acordo com os assuntos abordados nas aulas.

Dentre os elementos extramusicais, destacamos a discussão frequente nas mentorias sobre liderança, técnicas de ensaio, organização de estudos e gestão de projetos. Acreditamos que é necessário introduzir estes elementos que são pré-requisitos para o mundo profissional, aos alunos que, em sua maioria estão inseridos no ambiente de trabalho, mas se encontram perdidos sobre suas atuações.

4. Considerações finais

As possibilidades do ensino *on-line* são muitas, já que podemos atingir alunos de localidades mais distantes e acompanhar com mais proximidade os exercícios pelo *whatsapp* ou com o envio de vídeos. Algumas ações eram possíveis no ensino presencial, mas o fato de ter um dia de encontro com o aluno, permitia que no resto da semana ele pudesse se ausentar. Em contrapartida, o ensino *on-line* exigiu que os professores estivessem mais tempo em frente às telas e que precisassem se reinventar a cada momento, pois estar mais conectado faz com que você acompanhe as tendências e sinta a necessidade de atualização não só em metodologia, mas também em aportes tecnológicos. Outro fator bastante preocupante ao professor é o cansaço mental e físico após horas de trabalho com grande exposição à luz artificial das telas. Possivelmente, professores e alunos estão mais propensos a desgastes mentais e oculares em relação a outros profissionais que não trabalhem com o meio digital. No que diz respeito às aulas remotas de regência, a não presença do grupo musical, instrumento principal de quem rege é um agravante. Embora que em muitas instituições formais de ensino as aulas de regência não sejam acompanhadas por um grupo musical ou pianista. É até possível que os professores ajudem na construção do gesto e induzam a conscientização do som, mas o aluno precisa ter um grupo para praticar e sentir os resultados, porém, essa não é a realidade da maior parte dos estudantes de regência da atualidade.

No momento em que escrevemos este artigo, estamos há pouco mais de um ano desde o primeiro caso de COVID no Brasil, o ensino *on-line* já era uma realidade antes da pandemia, mas percebemos que esse tipo de ensino deve persistir, visto que no mundo tecnológico os eventos não regridem, eles se aprimoram. Ainda que voltemos às atividades presenciais em sua totalidade, dificilmente desvincularemos do que foi feito *on-line* e das possibilidades de agregar conhecimento, sendo em aulas *on-line* ou vídeos de apoio.

Nossa contribuição, enquanto professores, é permitir aos alunos que não podem se deslocar a cidades distantes para fazer aula possam continuar seus estudos de regência em casa, e alcançar aqueles que não têm acesso a esse tipo de conteúdo presencialmente mesmo em tempos “normais”. Acreditamos que a regência já está inserida na prática de muitos músicos, mas a dificuldade em encontrar escolas de regência os impedem de aprimorar seus conhecimentos. Dessa forma, percebemos que através do ensino *on-line* podemos permitir que além dos regentes atuantes que não tiveram ensino formal de música possam aperfeiçoar seus



estudos e conduzirem melhor seus grupos, também possamos alcançar aspirantes à regência com pouco perspectiva de estudo.

Referências

- BARROS, M. H. D. F. Educação musical, tecnologias e pandemia: reflexões e sugestões para o ensino *on-line* emergencial de música. *OuvirOUver*, 16(1), 292-304. <https://doi.org/10.14393/OUV-v16n1a2020-55878>. 2020.
- CARLSEN, J.C. Auditory perception: concerns for musical learning. Musical educators national conference. In: PROCEEDINGS OF THE ANN ARBOR SYMPOSIUM ON THE APPLICATIONS OF PSYCHOLOGY TO THE TEACHING AND LEARNING OF MUSIC. Virginia, 1981. p.8-15.
- TEIXEIRA, Felipe O ensino da regência para mestres de banda em Alagoas: abordagens metodológicas. In: CONFERÊNCIA REGIONAL LATINO-AMERICANA DE EDUCAÇÃO MUSICAL DA ISME, XI. 2017, Natal. Anais eletrônicos, Natal. Disponível em: <xxx> Acesso em: 7 de junho de 2021.
- GEHRKENS, Karl W. *Essential in conducting*. Boston: Oliver Ditson Company.
- GORDON, E. All about audiation and music aptitudes: Edwin E. Gordon discusses using audiation and music aptitudes as teaching tools do allow students do reach their full music potential. *Music Educators Journal*, v. 86, n.2, 1999, p. 41-44
- McELHERAN, Brock. *Conducting Technique: for beginners and professionals*. New York: Oxford University Press, 1966.
- NASCIMENTO, Jeilson Morais. Percepção musical: o desenvolvimento do ouvido relativo e suas particularidades. *Música em Foco*, São Paulo, v.2, n.1, p.25-34, 2020.
- SIDNELL, R. *Building instructional program in music education*. New Jersey: Prentice-Hall, 1973.
- SCHULLER, Gunther. *The compleat conductor*. New York: Oxford University Press, 1997.
- WITTRY, D. *Beyond the baton: what every conductor needs to know*. New York: Oxford University Press, 2007.



Notas

¹<https://economia.uol.com.br/empregos-e-carreiras/noticias/redacao/2020/06/04/profissoes-rh-pos-pandemia-coronavirus.htm> consultado em 18 de junho de 2021

²<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/10/15/professores-se-reinventam-na-pandemia-para-que-estudantes-sigam-aprendendo.ghtml> consultado em 18 de junho de 2021

³ Conducting is surely the most demanding, musically all-embracing, and complex of the various disciplines that constitute the field of music performance. Yet, ironically, it is considered by most people – including, alas, most orchestral musicians – to be either an easy-to-acquire skill (musicians) or the result of some magical, unfathomable, inexplicable God-given gifts (audiences). It is actually neither, the skills required in conducting at the highest artistic levels being anything but easy to acquire(...).

⁴ Generally the music world makes a mystique of conducting, as if it were based on some mysterious, divine gift, bestowed by only a few “chosen” musicians each generation. The fact is that the highest levels of conducting are achieved by dint of hard work, intensive study (...)

⁵ The beginners must devote much more time to other musical subjects than to conducting itself. Harmony, counterpoint, score reading, analysis, music history and literature, orchestration, instrumental and vocal techniques are more important than baton technique.

⁶ The musical amateur who is ambitious to conduct should therefore study music in all its phases (...) study harmony, counterpoint, form, and, if possible, composition and orchestration (...) ear-training (...) history of music (...). As the result of such study and such reading, a type of musical scholarship will be attained which will give the conductor an authority in his interpretations and criticisms that can not possibly be achieved in any other way.

⁷ The most important requirement in a conductor is the ability to inspire the performers. This might be given other names: leadership, hypnotic power, contagious enthusiasm, or just good teaching ability (...). Perhaps it is best described in a simple phrase: MAKING THE PERFORMERS WANT TO DO THEIR BEST.

⁸ Beyond the musical skills that must be learned, you must master the essential ingredient that makes the difference between a good conductor and a great one. That quality is leadership.”